



APRESENTAÇÃO

O dossiê *Ensino de matemática, etnomatemática e questões étnico-raciais* reúne trabalhos que abordam temas relacionados ao Ensino de Matemática, a Etnomatemática e Questões Étnico-Raciais que estão implicadas em diferentes temporalidades, espacialidades e níveis de sociabilidade.

Acreditamos que o grande desafio da educação para o século XXI é pensar e refletir em currículos escolares que expressem os paradigmas da cultura contemporânea que possam contemplar o Ensino da Etnomatemática através de práticas pedagógicas no cotidiano do espaço escolar que considerem as diferenças culturais, étnicas, religiosas, sociais e econômicas. D'Ambrósio (1998; 2012; 2013), Gomes (2005), Munanga (2005), Pais (2019), Vergani (2007), entre outros autores e autoras, ressaltam da importância do entrelaçamento da cultura local, com a cultura africana e indígena com os conteúdos matemáticos, no espaço formal da sala de aula numa perspectiva de uma educação antirracista.

É nesse sentido que os artigos aqui selecionados para comporem o presente dossiê apresentam um campo fértil de debate no âmbito do Ensino de Matemática, da Etnomatemática e das Questões Étnico-Raciais, com estudos e análises que tem como enfoque trabalhos que dialogam entre si e que permitem a nós, leitores e leitoras, importantes reflexões no empate das práticas pedagógicas no espaço escolar. Diante deste contexto, agrupamos a ordem dos artigos deste dossiê respeitando suas propostas de discussão, abordagem e reflexão.

O primeiro artigo intitulado **“Aqui não dá mais peixe grande não...” etnomatemáticas de crianças ribeirinhas influenciadas pela Hidrelétrica Belo Monte**” de autoria de Marcos Formigosa, discute um dos impactos da hidrelétrica de Belo Monte na atividade pesqueira, mais precisamente na comercialização do pescado pelos ribeirinhos de uma comunidade do interior da Amazônia Paraense e, conseqüentemente, nos seus jogos de linguagem. O trabalho é desenvolvido, com inspirações da pesquisa etnográfica junto a um grupo de alunos dos anos

iniciais do ensino fundamental de uma escola multisseriada ribeirinha, por meio de cartografia social, incluindo as narrativas vividas com os alunos. Os dados produzidos mostram que as crianças têm um amplo domínio de seu lugar de pertencimento, bem como das atividades ali realizadas, como a pesca, fortemente impactadas após a implantação da hidrelétrica, a partir de suas experiências. Além disso, aponta para a escola, ainda instalada e operando em condições adversas, como um local de aprendizagem de outras linguagem, que contribuem para a manutenção das formas de vida mesmo diante desse processo de rupturas e mudanças.

O segundo artigo intitulado **“Investigando os saberes matemáticos do Zambiapunga por meio da Etnomatemática: possibilidades de reformulação do modelo hegemônico nos processos de ensino e aprendizagem da Matemática”** de autoria de José Lucas Matias, traz uma discussão a partir do currículo escolar e os processos de ensino e aprendizagem da Matemática, onde-se não raras vezes, deixa-se de fora saberes, culturas e, portanto, epistemologias: as não hegemônicas. Nesta perspectiva, para o autor, vai de encontro a isso, por meio de um currículo referenciado culturalmente, sob à luz da Etnomatemática, com possibilidade possíveis na construção de uma educação emancipadora, voltada para o exercício da cidadania e preservação da identidade cultural.

O terceiro artigo intitulado **“O ofício das rezadeiras sob o olhar das etno-x”** de autoria de Jailda da Silva dos Santos tem como objetivo compreender a cultura das rezadeiras e suas possíveis contribuições para o ensino e aprendizagem, sob o olhar das etno-x, mais especificamente da Etnomodelagem. Caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, em que se fez o uso da entrevista por meio das narrativas para obter dados a respeito da prática desenvolvida por uma Rezadeira em seu ofício com as rezas. Os resultados apontam que a cultura das Rezadeiras pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando uma prática interdisciplinar podendo, portanto, contribuir para a melhoria e desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, permitindo assim a valorização de diferentes grupos culturais, que por vezes são invisibilizados perante a sociedade.

O quarto artigo intitulado **“Educação matemática antirracista: pressupostos teóricos, práticas decoloniais e interculturais”** das autoras

Suema Souza Araujo, Lygianne Batista Vieira e Ana Tereza R. de J. Ferreira, defendem que a Educação Matemática precisa também ser protagonista na luta antirracista. Com isso, trazem em seu trabalho reflexões acerca da legislação para a educação antirracista; da formação docente comprometida com as questões étnico-raciais; da perspectiva da etnomatemática com a educação antirracista; e por fim, das possibilidades do ensino de matemática decolonial, intercultural e descentralizado. Trata-se de um estudo de natureza teórica provindo de uma pesquisa em andamento no PPGE/FE/UnB e de ações do Grupo de Pesquisa *Dzeta* Investigações em Educação Matemática – DIEM/UnB. É um estudo qualitativo, exploratório e bibliográfico. Os resultados apontam que a Educação Matemática Antirracista se constitui por meio de práticas que valorizem a africanidade e que permitam a descentralização do conhecimento matemático.

O quinto artigo intitulado “**Panorama da educação antirracista no Mestrado Profissional Nacional em Matemática (PROFMAT)**” de autoria de Alan Alves Brito tem por objetivo apresentar, por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, a situação atual da produção de conhecimento voltada para a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), a Educação Escolar Indígena (EEI) e a Educação Escolar Quilombola (EEQ) no Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT). Os dados revelam que, apesar das potencialidades implícitas na ERER, EEQ e EEI, ambos projetos diferenciados são ainda desafios para o PROFMAT, aqui encarado como uma importante política pública para a articulação da educação antirracista no chão das escolas públicas do país na área de Matemática. Em uma base temporal de nove anos, o autor encontrou apenas seis dentre 6442 trabalhos finais do PROFMAT que trazem explicitamente a ERER, a EEQ ou a EEI em suas fundamentações teóricas, o que implica que apenas cerca de 0,09% dos trabalhos no banco de dados do PROFMAT abordam, de alguma forma, questões relacionadas com a educação para as relações étnico-raciais. O autor ainda enfatiza nas discussões que mesmo 20 anos após a promulgação da ERER, sua implementação segue sendo um dos grandes desafios dos programas de formação inicial e continuada de professores no Brasil. A EEI e a EEQ, enquanto projetos diferenciados de educação, tampouco são levados em conta no cenário nacional.

O sexto artigo intitulado **“O conhecimento matemático no ritmo de percussão das músicas populares do Marabaixo”** de autoria de Claudionor de Oliveira Pastana, Ana Paula Silva da Silva Amaral e Elivaldo Serrão Custódio traz, em referência inicial, uma investigação acerca da relação matemática com a música, abordando a importância da escala pitagórica como elemento da constituição musical. Posteriormente apresentam o Marabaixo – cultura muito difundida do estado do Amapá – como elemento de manifestação cultural e tradicional, explorando seu ritmo e musicalidade. A presente pesquisa procura ainda compreender a relação matemática da escala pitagórica com o processo de execução e transcrição musical do Marabaixo. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativa exploratória descritiva através de estudo de caso na perspectiva de Bogdan e Biklen (2013). Os resultados apresentaram indícios da relação matemática musical com os saberes musicais e tradicionais da cultura do Marabaixo, em que os toques podem ser representados pela escala pitagórica.

O sétimo artigo intitulado **“Construindo diálogos entre as aulas de matemática e a cultura negra”** de autoria de Elenilton Godoy apresenta uma pesquisa que tem por objetivo construir diálogos entre as aulas de matemática e a cultura negra. Para isso, foram entrevistados um pesquisador e duas pesquisadoras que desenvolveram, em suas dissertações de mestrado, trabalhos que articulavam as aulas de matemática e a cultura negra. A leitura dos trabalhos e as entrevistas permitiram perceber que é, sim, possível estabelecer diálogos entre a cultura negra e as aulas de matemática e o quanto isso é essencial para construir autoestima, autoconhecimento, pertencimento, identificação, representatividade e posturas antirracistas.

O oitavo artigo intitulado **“Interdisciplinaridade e o lúdico no processo de ensino e aprendizagem matemática: relações possíveis e indispensáveis”** de autoria de Claudete Beise Ulrich, aborda um estudo das relações interdisciplinares e a ludicidade no processo de ensino e aprendizagem do componente curricular de Matemática. O trabalho busca investigar como as atividades lúdicas e a interdisciplinaridade podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem da Matemática de forma que os/as alunos/as construam os conceitos matemáticos e se desenvolvam a partir das relações com o meio e com

as pessoas que os/as circundam. A pesquisa é de natureza qualitativa e para a produção de dados a autora utilizou a revisão bibliográfica e análise documental.

O nono artigo intitulado “**Educação financeira na escola: possibilidades e desafios para sua inserção no currículo de uma escola do campo**” dos autores Raimunda Alves Melo, Domingos Neri e Antônio Cardoso do Amaral, apresenta um estudo por meio de uma abordagem qualitativa, do tipo descritiva, com intervenção pedagógica e participação de professores e estudantes. Os resultados apontam para a importância de trabalhar a Educação Financeira no currículo das escolas, possibilitando aos estudantes usufruírem de conhecimentos e saberes que os auxiliem a se projetarem como pessoas com capacidade de planejar e gerir a sua renda, opinar sobre consumo consciente, gestão financeira pessoal, familiar e social, entre outras possibilidades. No âmbito da escola pesquisada, houve consenso de que o tema deve ser abordado de forma transversal, contextualizada, assegurando a articulação dos conhecimentos escolares com os saberes da cultura camponesa.

O décimo artigo intitulado “**Uso da internet no ensino de matemática por meio do laboratório de informática na escola estadual Veiga Cabral**” dos autores Enivaldo Maciel de Oliveira e Jefferson Ferreira Mesquita apresentam uma pesquisa que teve como finalidade investigar a utilização da internet no ensino de Matemática como instrumento de aprendizado para as questões antirracista no espaço escolar. Além disso, buscam refletir sobre os recursos que a internet oferece para serem utilizados em sala de aula com alunos do 6º ano, do Ensino Fundamental. Os resultados encontrados indicam a importância do contato diário a esses tipos de tecnologia que constituem experiência positiva para o aceleração da aprendizagem dos alunos e a inclusão constante no processo de ensino e formação continuada de docentes.

O décimo primeiro artigo intitulado “**Saberes e fazeres presentes na produção do instrumento didático indígena**” de autoria de Gerson Ribeiro Bacury, Elisângela Aparecida Pereira de Melo, Rodrigo Brasil Castro e Rosane Gonçalves Cruz apresentam resultados de investigação de uma pesquisa em andamento e que tem por objetivo conhecer os saberes e fazeres dos estudantes indígenas durante suas produções acadêmicas, por meio da abordagem qualitativa pautada na pesquisa bibliográfica, de modo a responderem a seguinte questão:

que saberes e fazeres emergem das produções dos Instrumentos Didáticos Indígenas? Para tanto, se debruçam nas chamadas Práticas Investigativas em Educação Matemática (PIEM), um modelo formativo desenvolvido inicialmente para os cursos de formação inicial de professores. Contudo, na presente pesquisa, ampliam o foco desse modelo, abordando-o em contextos de maior diversidade sociocultural, com destaque para o Curso de Licenciatura Formação de Professores Indígenas (FPI/UFAM) na área de Ciências Exatas e Biológicas do município de São Gabriel da Cachoeira/AM. A partir desse modelo formativo elaboraram o Instrumento Didático Indígena (IDI) que propõe a relação entre os saberes e fazeres indígenas com os conhecimentos científicos, em particular os matemáticos. Os resultados destacam os saberes e fazeres presentes nesses IDI's a partir de práticas socioculturais voltadas para o comércio que partem de atividades de produção de artesanato relacionadas aos conteúdos matemáticos advindos dessas produções acadêmicas, na perspectiva da Etnomatemática.

O décimo segundo artigo intitulado **“O youtube como ferramenta de apoio ao processo de aprendizagem no curso de matemática da UEAP”** dos autores Gerson Santos Soares e Izaías Loureiro Tavares trazem uma pesquisa que versa sobre o potencial do portal de vídeos *online* YouTube como ferramenta de apoio ao processo de aprendizagem dos acadêmicos de um curso de matemática. O objetivo é analisar o uso da ferramenta YouTube como recurso de apoio ao processo de aprendizagem no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Amapá (UEAP). A metodologia escolhida partiu do método hipotético-dedutivo e foi operacionalizada a partir de uma pesquisa bibliográfica inicial e culminou com a aplicação de um questionário online aos sujeitos da pesquisa para validar o proposto. Os resultados indicaram que uma potencialidade fundamental para otimizar o processo de aprendizagem usando o YouTube está na criação de um canal específico de vídeos/aulas com os conteúdos do próprio curso, com todas as disciplinas disponíveis, mas com foco nas disciplinas de maior dificuldade apontadas pelos discentes do próprio curso com conteúdos retroalimentados pelos mesmos.

Portanto, esse dossiê agrega uma série de propostas de discussão que têm como objetivo problematizar o *Ensino de matemática, a etnomatemática e as questões étnico-raciais* nos diferentes espaços e níveis de sociabilidade, e ainda,

nos permitir uma vasta discussão e reflexão no sentido de proporcionar rompimentos e desnaturalização do racismo, da discriminação e do preconceito tão enraizado na sociedade brasileira. Além disso, indicar novos caminhos e possibilidades para o entendimento da temática.

É pertinente destacar nesse momento que além deste dossiê, a **Revista identidade!** traz ainda em seu rol de artigos deste número temático, trabalhos resultantes de pesquisas distribuídos nas seguintes seções: *Educação, Saúde e Identidade*; *Religião, Identidade e História*; *Diversidade e Identidade* e; *Experiências interculturais na IECLB*.

Na seção *Educação, Saúde e Identidade*, no artigo intitulado “**Educação para as relações étnico-raciais no Amapá: análises e perspectivas**” de autoria de Moisés de Jesus Prazeres dos Santos Bezerra; Eugénia da Luz Silva Foster e Elivaldo Serrão Custódio apresentam reflexões feitas na disciplina de Estudos de Problemas Educacionais na Amazônia do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia-PGEDA-Associação Plena em Rede-EDUCANORTE e do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-raciais/UNIFAP. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, reflexiva e exploratória, objetivando analisar como a educação para as relações étnico-raciais é vivenciada no estado do Amapá, extremo Norte do Brasil. As ponderações feitas, perpassam pela realidade do racismo no contexto da educação brasileira, a relevância histórica da Lei n. 10.639/2003 e as ações de resistência dos Movimentos Negros no país. Por meio de uma análise crítica sobre como a educação para as relações étnico-raciais é vivenciada no estado o Amapá, verificam que, ao se tratar da implementação da legislação antirracista no Amapá, em especial a Lei n. 10.639/2003, ainda há muito a ser feito, já que mesmo passados vinte anos da publicação da referida Lei, constitui-se um desafio coletivo a superação do racismo, presente muitas vezes nas práticas educativas.

Na seção *Religião, Identidade e História*, o artigo intitulado “**O mais belo dos belos: um olhar fenomenológico sobre a emancipação da corporeidade negra do ilê Aiyê**”, de Ana Beatriz Medeiros Melo, discute que entre o silenciar contínuo ao qual a cultura afro-brasileira se depara historicamente e o ato de resistir através da criação do primeiro bloco afro-brasileiro em 1974, o Ilê Aiyê se mostrou um dos grandes protagonistas do (re)conhecimento da história e do papel político-

social da diáspora africana em território brasileiro. Assim, a pesquisa tem como objetivo compreender os aspectos da corporeidade que manifestam a negritude presente no grupo afro Ilê Aiyê. Trata-se de uma pesquisa qualitativa ancorada na abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty. Para tal, foi realizada a visualização e transcrição dos depoimentos audiovisuais de três vídeos da produção audiovisual Ocupação Ilê Aiyê (2018) disponibilizados no canal Itaú Cultural, na plataforma do *YouTube*. Enquanto protagonistas de sua própria história, a autoafirmação de uma população atravessa o Atlântico, as cordas e as lacunas históricas de ocultamento. Os dados revelam que o Ilê Aiyê, portanto, revela-se como potente divisor para a libertação das manifestações afro-brasileiras e da negritude enquanto meio de afirmação da luta e da história da população negra. Os corpos tornam-se mediadores e carregam uma mensagem explícita da (re)existência da cultura negra, da beleza e do orgulho das suas identidades, em um entrelaçar de sentidos e significados subjetivos e coletivos.

O artigo intitulado **“E a verdade vos fará livre”: a teologia negra no linear da imaginação poética do samba enredo da mangueira”** de Emiliano Jamba António João, é fruto de discussões feitas no GT -Teologia e Negritude/FTL-Campinas onde buscou atualizar o debate em torno da racialização, missão e teologia das comunidades eclesiais, bem como, pensar os processos de discriminação racial existente. Deste modo, o autor tem a intenção de analisar a relevância e aplicabilidade da teologia negra e sua cristologia para os dias atuais sobretudo sua contribuição para se repensar a igreja de Cristo, seu alcance, sua força, sua teologia e também seu procedimento para com o povo negro.

Na seção *Diversidade e Identidade*, no artigo intitulado **“Para sempre livre, eforro? Liberdades na pena da lei em documentos catalanos oitocentistas”** da autora Ana Vitória Gomes Moreira busca discutir as dinâmicas de liberdade a partir de manuscritos oitocentistas em Catalão-Goiás. Assim, analisa documentos exarados nesta cidade e que versam sobre a libertação de escravizados. Com esta investigação, apresenta um panorama das relações escravagistas e, sobretudo, das manumissões que se estabeleceram nesta localidade. O *corpus* é composto por seis manuscritos editados em versão semidiplomática por integrantes do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística (LALFIL). Os resultados da pesquisa apontam que foi

possível constatar que as manumissões analisadas não asseguravam integralmente a liberdade dos escravizados catalanos, submetidos às vontades, aos mandos e ao poderio senhorial, configurando-se em uma liberdade restrita à pena da lei.

O artigo intitulado “**Inclusão ou diversidade?**” de autoria de Charles Klemz apresenta uma reflexão sobre a diversidade em meio a uma sociedade que classifica as pessoas de acordo com as suas especificidades. A utilização de “diversidade” espelha o pluralismo humano, seja para questões físicas, ideológicas, religiosas, étnicas, sociais, culturais e quaisquer outras que, de alguma forma, refletem a diversidade humana. Para isso, há que se buscar a naturalização da diversidade humana, através da educação, com aportes da teologia e das diversas áreas do conhecimento que refletem sobre o tema, para a alteridade, ou seja, para a mudança da mentalidade e do agir das gerações futuras.

Por último, o artigo intitulado “**Mosaicos de identidades marianas: do negro ventre da terra e das entranhas da dor**” de autoria de Rodrigo Portella, procura de forma breve e introdutória, lançar olhar sobre duas características que marcam a identidade mariana: a da negritude de algumas de suas imagens e a da dor que, a partir de sua experiência em ter tido um filho morto de forma violenta, se solidariza com a dor de outras mulheres e homens que buscam nela, Maria, seu amparo. A figura da Virgem Maria, no catolicismo, tem mobilizado miríade de símbolos e significados que buscam destacar traços culturais e afetivos atribuídos à mãe de Jesus. Assim, a abordagem trazida pelo autor não apresenta teorias de raça ou de gênero, mas transita pelo fenômeno que se expressa nestes signos marianos, a partir de uma aproximação histórica que visa compreender o fenômeno em seus próprios termos.

Na seção *Experiências interculturais na IECLB*, Günter Bayerl Padilha e Fabiano Costa Pinto apresentam uma síntese sobre a “**Semana de Oração pela Unidade Cristã (SOUC) 2023**”, evento este que reúne várias igrejas nacionais e internacionais que fazem parte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Neste ano de 2023, a comissão norte-americana do Conselho de Igrejas de Minnesota foi responsável pela preparação do subsídio, que teve como tema central o racismo. O tema bíblico escolhido foi o de Isaías 1.17 que expressa: “*Aprende a fazer o bem, procura a justiça*”. Um dos objetivos do evento é trazer à

tona reflexões sobre a postura e posicionamento eclesiástico e de demais membros e colaboradores das igrejas, pois segundo a organização do evento *“Deus exige das igrejas e de todas as pessoas uma postura antirracista porque a justiça Dele não tolera atitudes excludentes e racistas”*. Por ocasião da Semana de Oração, ainda foram apresentados vários casos de racismo ocorridos durante este ano de 2023, assim como discursos de aconselhamento e de exortação as pessoas para que não se calem diante de práticas racista.

Desejamos a todos e a todas uma boa e proveitosa leitura.

Prof. Dr. Elivaldo Serrão Custódio
Universidade Estadual do Amapá (UEAP)